



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAPÁ
DEPARTAMENTO DE LETRAS E ARTES
LICENCIATURA EM ARTES VISUAIS**

GLENDIA SANTIAGO DE ALMEIDA
NAIANE PENA GUEDES FERREIRA

VISUALIDADES FEMININAS NA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS

Macapá
2017

GLENDIA SANTIAGO DE ALMEIDA
NAIANE PENA GUEDES FERREIRA

VISUALIDADES FEMININAS NA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS

Trabalho apresentado como exigência final para a
Conclusão do Curso de Licenciatura Plena em
Artes Visuais pela Universidade Federal do Amapá
– UNIFAP, campus Marco Zero do Equador, sob
orientação do Prof^a Msc. Mauricio Remígio Viana.

Macapá
2017

**GLENDIA SANTIAGO DE ALMEIDA
NAIANE PENA GUEDES FERREIRA**

VISUALIDADES FEMININAS NA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS

Trabalho apresentado como exigência final para a Conclusão do Curso de Licenciatura Plena em Artes Visuais pela Universidade Federal do Amapá – UNIFAP, campus Marco Zero do Equador, sob orientação do Prof^a Msc. Maurício Remígio Viana, aprovado em 28 de julho de 2017.

BANCA EXAMINADORA

CONCEITO: _____

Prof^o. Msc. Maurício Remígio Viana (Orientador) – UNIFAP

Prof^o. Msc. José de Vasconcelos Silva - UNIFAP

Prof^a. Dr^a. Sílvia Carla Marques Costa - UNIFAP

A Deus, por estar sempre ao meu lado nos momentos difíceis e nos momentos bons. Ao meu esposo Mauricio Souza dos Santos, pelo seu cuidado, carinho e amor constante. Aos meus pais em especial a minha Mãe Dulcivalda Santiago, por sempre me aconselhar e ajudar. A minha amiga e parceira Naiane, por fazer parte desse momento importante de nossas vidas.

Glenda Santiago

A Deus, por permitir esta realização. A minha amiga e parceira Glenda, pela oportunidade de juntas concluirmos esta etapa. Aos meus pais, que sempre estiveram ao meu lado nas dificuldades. Ao meu amado esposo, pelo apoio e companheirismo. Ao meu bebê, a maior bênção da minha vida.

Naiane Guedes

AGRADECIMENTOS

A Deus, que nos ajudou e nos deu forças para continuar.

Aos nossos pais, que apesar das dificuldades sempre lutaram para que tivéssemos o melhor, nos incentivando e nos apoiando de todas as formas.

Aos nossos esposos, pelo apoio diário, pelo companheirismo e principalmente pelo carinho.

Ao nosso orientador professor Msc. Maurício Remígio Viana, pela orientação, pela paciência que teve conosco, pela disponibilidade e pela confiança.

A todos os professores de Artes Visuais, pelo conhecimento que nos proporcionaram e pelas experiências que jamais serão esquecidas.

A Escola Estadual Maria Neusa do Carmo de Sousa, direção e professores que nos deram suporte nesta pesquisa.

A Universidade Federal do Amapá, pela oportunidade de fazer este curso.

Pensaram que eu era surrealista, mas nunca fui.
Nunca pintei sonhos, só pintei a minha própria
realidade.

Frida Kahlo.

RESUMO

O presente trabalho analisa o cotidiano escolar das estudantes na Educação de Jovens e Adultos. O método utilizado na pesquisa é etnográfico com foco nas observações de campo. O público alvo desta pesquisa foram as alunas da Primeira Etapa A e B da Segunda Etapa A do Ensino Médio. No processo de pesquisa encontramos mulheres que buscavam novas oportunidades em meio a tantos obstáculos e sacrifícios, elas almejavam obter conhecimento e através desses conhecimentos adentrar no mercado de trabalho e conseguir sua independência financeira e dar um futuro melhor para os seus familiares. Muitas delas deixavam seus lares, acompanhadas de seus filhos, algumas depois de muito tempo afastadas da escola resolveram voltar a estudar com intuito de concluírem o ensino médio. Por fim, analisamos uma situação de aula, proporcionada por nós, na qual abordamos, a partir da arte, questões voltadas para o feminino. A pesquisa tem caráter qualitativo e o campo de pesquisa foi a Escola Estadual Maria Neusa do Carmo de Sousa, localizada em Macapá/AP.

Palavras-chave: Educação de Jovens e Adultos, Feminino, Ensino de arte.

ABSTRACT

The present work analyzes the daily school life of students in Youth and Adult Education. The method used in the research is ethnographic focusing on the field observations. The target audience for this research were First Stage A and B Second Stage A students. In the process of research we find women seeking new opportunities amid so many obstacles and sacrifices, they wanted to gain knowledge and through this knowledge to enter the labor market and achieve their financial independence and give a better future for their families. Many of them left their homes, accompanied by their children, some of them after a long time away from school decided to go back to school in order to finish high school. Finally, we analyze a class situation, provided by us, in which we approach, from the art, questions focused on the feminine. The research has a qualitative character and the field of research was the Escola Estadual Maria Neusa do Carmo de Sousa, located in Macapá/AP.

Keywords: Youth and Adult Education, Female, Art teaching.

LISTA DE IMAGENS

Figura 01 -	Escuridão e mato alto. Edição: Naiane Guedes	18
Figura 02 -	Cozinha e bebedouro.....	23
Figura 03 -	Aluna na cadeira e o cartaz.....	35
Figura 04 -	Cartaz do quarto grupo.....	36
Figura 05 -	Recorte do cartaz do quarto grupo, edição: Glenda Santiago.....	36
Figura 06 -	Vênus Willendorf, paleolítico superior, 1908, Museu de História Natural de Viena.....	37
Figura 07 -	Afrodite de Cápua, de Lisipo, IV a.c.....	38
Figura 08 -	Hospital Henry Ford, 1932, Frida Kahlo	40
Figura 09 -	Marina Abramovic, 1974, Rhythm 0.....	42
Figura 10 -	Marina Abramovic, 1974, Rhythm 0.....	42
Figura 11 -	Berna Reale, Quando todos se calam (2009)	44
Figura 12 -	Atividade da aluna Ana. Edição: Glenda Santiago.....	45
Figura 13 -	Recorte da atividade da aluna Ana. Edição: Glenda Santiago.....	46
Figura 14 -	Recorte da atividade da aluna Ana. Edição: Glenda Santiago.....	46
Figura 15 -	Recorte da atividade da aluna Ana. Edição: Glenda Santiago.....	47
Figura 16 -	Atividade realizada pela aluna Thais. Edição: Glenda Santiago	48
Figura 17 -	Recorte da atividade realizada pela aluna Carla. Edição: Glenda Santiago.....	49
Figura 18 -	Atividade realizada pelo aluno Marcos. Edição: Glenda Santiago.	49

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO	11
CAPÍTULO I - APROXIMAÇÕES COM O CAMPO	12
1.1 A ESCOLA, SEU ENTORNO E FUNCIONAMENTO	17
1.2 CAMINHOS METODOLÓGICOS	20
1.3 A ESCOLA CAMPO	24
CAPÍTULO II - RELAÇÕES DE GÊNERO E O CONTEXTO HISTÓRICO SOCIAL	26
2.1 A EDUCAÇÃO FEMININA NO BRASIL COLÔNIA	26
2.2 A MULHER NAS ARTES.....	27
2.3 ABORDAGENS DE GÊNERO.....	31
2.4 A IMPORTÂNCIA DE TEMAS TRANSVERSAIS E A CULTURA VISUAL.....	33
CAPÍTULO III – PRÁTICA E VIVÊNCIA NA SALA DE AULA	37
3.1 PROPOSTAS AVALIATIVAS E RESULTADOS.....	45
CONSIDERAÇÕES FINAIS	52
REFERÊNCIAS.....	55

APRESENTAÇÃO

Esta pesquisa foi realizada na Escola Estadual Maria Neusa do Carmo de Sousa, localizada na cidade de Macapá – AP, com as turmas da Primeira Etapa e da Segunda Etapa na Educação de jovens e Adultos.

No primeiro capítulo relatamos a aproximação com o campo de pesquisa, o objeto de estudo e a metodologia utilizada na coleta de dados, através da oportunidade que tivemos de observar e passar horas no campo. Conseguimos visualizar os problemas que afligiam o ambiente escolar e as dificuldades que as alunas enfrentavam para permanecerem na escola, principalmente as alunas que levam seus filhos, pois conviviam com falta de espaços adequado para eles, os mesmos por vezes ficavam andando no escuro e pelos corredores.

No segundo capítulo buscamos referências históricas sobre as conquistas femininas no contexto histórico brasileiro e social. Argumentamos sobre a falta de visibilidade que rodeia o universo feminino e a da representatividade da mulher como musa nas obras de arte. Destacamos as habilidades das mulheres artistas e a forma como elas repassavam suas concepções e suas vivências através de suas obras. Em seguida tratamos a importância das abordagens de gênero na escola, os direcionamentos que podem auxiliar o professor em sua prática pedagógica, bem como o uso da cultura visual como método para ser usado nas aulas. Também observamos como as questões de gênero permeavam na ministração das aulas de artes, e nas apresentações de seminários realizadas pelos alunos.

No terceiro capítulo aprofundamos os conceitos de gênero na sala de aula, ministramos uma aula com o tema “O Feminino na Arte”. Fizemos algumas perguntas aos alunos sobre as artistas mulheres da história da arte. Como material de apoio levamos para a aula algumas imagens impressas em uma folha de papel A4, de artistas masculinos e femininas do século passado e da atualidade, como forma de explicar as produções de artistas mulheres na arte e a forma como eram representadas no passado, e o papel social dos gêneros na nossa sociedade; a diversidade cultural na contemporaneidade e o conceito de performance.

CAPÍTULO I - APROXIMAÇÕES COM O CAMPO

O objeto do estudo foi escolhido ao nos depararmos com o vasto acervo de pesquisas relacionadas à Educação de Jovens e Adultos, neste momento nos interessamos em pesquisar esta modalidade de ensino em uma escola, na qual realizamos estágio supervisionado. Surgiu a oportunidade de conhecer um pouco mais sobre essa modalidade de ensino e antes de irmos para o campo, várias ideias de pesquisa sondavam nossas mentes, mas ainda estavam muito nebulosas. Com a ajuda dos professores das disciplinas de Estágio Supervisionado I e II, começamos a selecionar os assuntos mais relevantes sobre a mulher na escola e os anseios por uma vida melhor através dos estudos e a relação de gênero pelo viés da cultura visual. Tínhamos algo em comum com essas mulheres, estudávamos à noite e o medo na volta para casa em algum momento já havia nos preocupado bastante, mas isso não era o suficiente para haver uma aproximação real com elas, tínhamos que buscar meios e métodos para conseguir nossos objetivos.

Na saída a campo aprendemos a exercitar a prática do olhar e a reconhecer os detalhes do cotidiano escolar que se abriram diante de nós. Presenciar e registrar com imagens as cenas do cotidiano da escola e depois explorá-las reflexivamente¹ foi essencial no processo de pesquisa. Esse exercício de análise permitiu repensarmos nossas ações como futuras professoras e aprender com o outro, no campo, ao observar e interagir em suas práticas cotidianas.

Hernandez (2007) sinaliza que “o que vemos tem muita influência em nossa capacidade de opinião, e é mais capaz de despertar a subjetividade e de possibilitar inferências de conhecimentos do que o que ouvimos ou lemos”. Conforme o autor, vivemos em um mundo extremamente imagético, no qual as imagens são comparadas a um arsenal bélico, “imagens bombardeiam”. No entanto, por mais que se escreva muito sobre as questões visuais, pouco se sabe sobre o que são imagens e como agem nas pessoas, não existe um padrão de interpretação de imagem ficando livre para quem vê.

¹ Para explicar o que é reflexivamente nesta pesquisa, utilizamos Suely Rolnik, quando ela se refere às questões de análise “A análise do desejo, desta perspectiva, diz respeito, em uma instância à escolha de como viver, a escolha dos critérios[...]” (1989, p. 06), aprendemos com o campo e depois, utilizávamos da análise para com o material capturado, de certo modo o aprendizado no campo, refletiu de forma positiva em nossas vidas.

Uma imagem torna-se objeto por meio do trabalho de um artista; a imagem é construída na memória de quem vê o objeto (dentro desses outros artistas), é relacionada ao conhecimento anterior, interligada a outras imagens criadas por outras pessoas e usada para vários fins, inclusive a interpretação e a criação de novas imagens. (FREEDMAN, 2005, p.127)

No desenvolvimento da nossa prática em sala de aula percebemos que as imagens ganham vida e significados diferentes, e que podem ser recebidas de formas naturais ou causar espanto. O estranhamento e a recusa foi bastante significativo, e também aprendemos que através das imagens que levamos para sala de aula podem surgir outras imagens produzidas pelos alunos e com espaço e tempo promovem debates. “Estranhamento visual é uma espécie de buraco, lacuna, interferência no nosso modo de ver. É o que se contrapõem à nossa visão “tácita”, predominante em nosso cotidiano”. (MARTINS, TOURINHO, 2011, p. 60). Conforme Martins e Tourinho (2011) as imagens que não estávamos acostumados a ver podem causar estranhamento visual, pois não fazem parte de nosso repertório visual. A visão tácita seria o que vemos de forma “natural”, o que já esperávamos vê, sem precisar pensar ou refletir, diferentemente do olhar crítico que “[...] nos ajuda a desenvolver uma atitude analítica, reflexiva, que aguça, nossa compreensão sobre o quê, porque e as condições em que estamos vendo” (MARTINS, TOURINHO, 2011, p. 61).

Nossa pesquisa aconteceu no dia vinte e sete de junho do ano de dois mil dezesseis, na Escola Estadual Maria Neusa do Carmo de Sousa, com o ofício de encaminhamento em mãos nos dirigimos até a sala da direção da Escola com a finalidade de conversar com a diretora, para que ela assinasse a autorização de pesquisa. Essa pesquisa é sobre a mulher na escola e a relação de gênero pelo viés da cultura visual². Em busca de novas oportunidades na vida, algumas mulheres criam o ideal e se agarram com todas as forças no desejo de ter sua independência financeira, e se qualificam para o mercado de trabalho. Esse imaginário criado por elas gera inúmeras experiências, e no decorrer da aproximação com a sala de aula, as dificuldades vão surgindo devido ao tempo de distanciamento com a escola.

Há uma crença quase unânime de que educação é o meio viável para sair da precariedade econômica e cultural e, através da conclusão dos estudos, torna-se

² A cultura visual é uma teoria bastante inclusiva, pois incorpora as mídias cotidianas juntamente com a história da arte.

mais fácil a inclusão no mercado de trabalho, promovendo sucesso financeiro, acesso aos bens culturais mais elaborados, refinados e civilizados, conduzindo com tranquilidade, reconhecimento, autonomia e felicidade a vida, bastando que elas queiram. Este imaginário é agudo e constrói várias visualidades, sobre as relações com a escola e o estudo, mas, sobretudo sobre a vontade, o comportamento, o sentimento e a percepção dos sujeitos. A esperança, talvez seja uma dessas visualidades e como a mais expressiva, acredita-se que parece invisibilizar as circunstâncias mais diversificadas sobre este universo educativo na medida em que a esperança é o motor para se entender a instituição escolar, movida pelo desejo voluntário de obtenção de conhecimento, mas ao mesmo tempo é uma instituição de seleção e hierarquização de saberes, de “monitoramento” e incertezas para os frequentadores da escola. Entende-se que estas colocações excluem outras percepções e outras oportunidades que são relevantes nas relações socioculturais das pessoas que acreditam, optam, retomam seus estudos no turno noturno, ou seja, na Educação de Jovens e Adultos.

Ao adentrar o prédio da escola recebemos atendimento de um vigilante que nos orientou a irmos até a secretaria em busca de informações. Após uma breve conversa saímos da secretaria e nos direcionamos para a sala da diretoria e nos apresentamos como acadêmicas do curso de Artes Visuais e que nossa intenção era realizar uma pesquisa de campo. A diretora aceitou e liberou a realização da pesquisa.

Iniciamos as observações no campo com a primeira visita no dia quinze de agosto do ano de dois mil e dezesseis para conhecer as dependências da escola e seu funcionamento. Quando começamos as observações, na companhia da auxiliar da coordenação da escola, havia um clima tenso nos corredores, estava acontecendo ameaças de haver arrastões no ambiente escolar, pessoas estavam planejando invadir a escola na intenção de subtrair os pertences dos professores e alunos. A possibilidade de tal acontecimento nos deixou com medo, assim como a todos que estavam na escola. As alunas eram as mais preocupadas, tinham medos e andavam nos corredores sempre com os pertences bem guardados em suas bolsas para tentar evitar que fossem furtados.

Os alunos andavam assustados, passando alguns minutos, a coordenadora pedagógica da escola disse: “acho que não vai ter arrastão não, vou te mostrar a

escola”. Andamos pelo corredor e avistamos os três blocos de aula, sendo que dois funcionam à noite. As turmas que funcionam eram ocupadas pelos alunos da Educação de Jovens e Adultos na modalidade de ensino médio, compostas por seis turmas. A coordenadora relatou que o muro era muito baixo e facilitava a entrada de pessoas mal intencionadas em algumas áreas que estavam bem escuras, sem iluminação. Ela nos levou para conhecer a biblioteca onde falamos com a funcionária Livalda Áries³, nos apresentamos, falamos o que estávamos fazendo na escola e começamos a conversar com ela. Passando uns minutos fiz uma pergunta: o que as alunas conversam quando estão na biblioteca? A funcionária me respondeu que “às vezes elas entram aqui para conversar, algumas alunas chegaram mais cedo e se dirigem a biblioteca e conversaram comigo, elas comentavam, que estavam com muito medo de frequentar a escola, devido a situação de insegurança”.

Estava na hora do lanche e a funcionária da biblioteca disse que poderíamos ir lanche e retornar para a sala da biblioteca com ela. Nesse momento visualizamos que as alunas grávidas estavam reunidas conversando e os alunos estavam sentados tomando uma sopa. Terminando o lanche continuamos no refeitório e conversamos com a senhora Ivonete (auxiliar de disciplina), ela contou que a escola estava passando por um momento ruim, e nos advertiu e pediu para fazermos nossa pesquisa no turno da tarde que era melhor, mas respondemos que nossa pesquisa era sobre educação de jovens e adultos e tinha que ser no turno da noite, agradecemos a ela e nos direcionamos para a coordenação.

A imagem mais marcante do local, naquele dia, foi encontrar crianças correndo e brincando pelo corredor e no entorno dos blocos, pois as mães estudantes levam as crianças para a escola. Durante o desenvolvimento da pesquisa com recorrência avistávamos crianças correndo no escuro para brincar, enquanto suas mães estavam em sala, isso nos remetia a necessidade de um local adequado para elas. A auxiliar pedagógica relatou que as alunas que são mães não têm com quem deixar as crianças em casa e trazem para a escola. Depois de nos apresentar a escola, ela pediu para irmos no dia seguinte, para conhecer a

³ Todos os nomes utilizados na pesquisa são fictícios.

professora de arte. Assim, nos despedimos e encerramos as observações daquele dia.

Foi preciso primeiramente adentrar a cidade, obtendo uma leitura do interior, vivê-la e compreendê-la a partir de uma modalidade “empática”. Formulada em termos mais pessoais, a empatia com um lugar termina significando amá-lo, compreendê-lo e se sentir bem ali. (AGIER, 2015, p.22)⁴

O primeiro contato não foi da forma como imaginávamos, saímos de lá assustadas, mas com a convivência andávamos pelos corredores sem um medo maior do que poderia acontecer durante a permanência no local, já nos sentíamos bem em estar na escola e isso nos fazia retornar nos dias seguintes.

No dia seguinte quando chegamos à escola e a auxiliar pedagógica nos levou até a sala de aula. Depois de nos apresentar, entramos e sentamos em uma cadeira no fundo da sala. Um aluno que estava próximo nos olhou e perguntou se tínhamos trazido nosso papel, respondemos que sim. Ele nos orientou a entregar para a professora para incluir o nosso nome na lista de chamada. Informamos que éramos acadêmicas da Unifap e que estávamos na sala de aula para realizar uma pesquisa. Na hora da aula os alunos falavam sobre o Enem e tinham acabado de voltar das férias. Ao término da aula falamos com a professora de artes. A professora parecia está com a voz cansada e disse que tinha ministrado cinco aulas. Nesse dia, ao nos apresentarmos informamos que estávamos fazendo uma pesquisa de campo, logo, ela perguntou se era sobre a metodologia dela, respondemos que não e falamos sobre os objetivos da pesquisa e saímos caminhando enquanto conversávamos. No meio da conversa ela disse que iria “ser difícil ver as alunas conversando e se aproximar delas”. Ficamos com ela na portaria fazendo companhia até que chegou alguém para lhe buscar, e encerramos nossas observações do dia.

Posteriormente conversando com a professora sobre o ensino de artes lhe entregamos um questionário que abrangia a seguinte pergunta: Como os sujeitos educativos exercitam para si e para os outros as identidades de classe, raça, gênero, sexualidade, corpo e idade nos espaços escolares? Ela foi respondendo gradativamente ao final da aula, que essas temáticas eram trabalhadas no currículo e que recentemente estava fazendo uma abordagem sobre a raça por se tratar da

⁴ Michel Agier tem seus estudos voltados para a cidade. Nos apropriamos dos seus conceitos para falar da escola.

semana da consciência negra, e o que ela percebia que alguns alunos ficavam sorrindo como se esta realidade não fizesse parte de seu cotidiano e isso se torna um tabu, pois os mesmo não conseguem argumentar essa realidade quando lhe é solicitado discorrer sobre o assunto em uma redação ou em um debate, “temos com exemplo o Enem que solicitou aos alunos que discorressem sobre intolerância religiosa, e quando trabalho esse assunto mostrando a diversidade alguns alunos acham que eu estou induzindo a ser seguidor de uma determinada denominação religiosa.”

Paul Duncum (2011, p.22) ressalta que “o currículo deveria, pois basear-se na natureza da cultura visual, especificamente nas experiências dos alunos relativas a ela e integradas ao conhecimento do professor”. Momentos como esse em que o autor destaca como importantes nos processos educativos perceberam com a professora durante as aulas, diálogos integrados ao conhecimento do professor. Assim, muitas vezes, esses diálogos são impedidos por concepções de que, “[...] visões e reportórios imagéticos dos alunos são considerados simples, comuns, ingênuos e, portanto, irrelevantes se comparados ao acervo de imagens, visualidades e artefatos que, em princípio, os professores conhecem e manejam” (MARTINS,TOURINHO, 2011, p. 64).

1.1 A ESCOLA, SEU ENTORNO E FUNCIONAMENTO

A rua em frente era pouco movimentada e as luzes dos postes não iluminam as ruas no entorno da escola. No dia que observávamos o entorno da escola, os alunos começavam a chegar por volta das 18h: 30min até às 19h: 00min. Algumas alunas chegavam em grupos ou vinham acompanhadas de parentes e outras chegavam sozinhas. Observamos também que os alunos do sexo masculino, em sua maioria, chegavam sozinhos. As alunas ao chegarem à escola se direcionavam para a sala de aula, não se movimentam pelos corredores e refeitório. Das poucas que transitam, tivemos a oportunidade de visualizar uma aluna passar pelo corredor com um carrinho de bebê, de cor rosa. Também presenciamos crianças que são levadas para escola pelas mães estudantes. Essas crianças possuem de quatro a seis anos de idade.

No refeitório, no silêncio, dessa vez não víamos crianças correndo, até o momento que algumas alunas se direcionavam para a quadra de educação física.

Eram seis mulheres e três homens, a aula era de ballet. As mulheres começaram se exercitando, depois se reuniram para fazer alguns passos de dança. A cena era bem atrativa, enquanto os homens se posicionavam sentados no chão, apenas observando. A professora de educação física tentou fazer com que eles participassem, mas não teve muito êxito. Uma das alunas que estava grávida também não participou.

No primeiro bloco alguns alunos estavam fora da sala de aula, e no segundo vimos crianças, filhos das estudantes, em uma área de jardim. Todos os dias essas crianças acompanhavam suas mães na escola. A auxiliar da coordenação informou que as mães levam seus filhos para aula por não ter com quem deixar. Ela relatou que existiam mães muito agressivas com as crianças em sala de aula, e que já havia melhorado porque a coordenadora advertia para elas não fazerem isso com as crianças, pois esse tipo de atitude poderia ser denunciado para o conselho tutelar.

Nessa visita, percebemos que a copa estava fechada, sinal que não iria ter merenda. Ao ver uma aluna perguntamos se liberavam mais cedo quando não tinha merenda. A aluna respondeu que geralmente sim. Logo em seguida outra aluna se encaminhou para a sala da diretora chateada, dizendo: “vou perguntar para essa diretora se não vai ter mais merenda na escola, já estou passando mal”. Voltando da sala da diretora, sem muito resultado, ela fala com os colegas para fazerem coleta para comprar lanche. Ao ver a diretora passar pelo refeitório ela pergunta: “a senhora não vai ajudar na coleta? até as crianças estão com fome”. A diretora responde: “que crianças?” e recebe como resposta: “os filhos das alunas”.

Quando a diretora se afastou, um professor passou e os alunos pedem para ele ajudar na coleta do lanche. O professor participa da coleta e contribui. Feito a coleta, um aluno pega sua bicicleta e vai comprar o lanche. Com a nossa presença a aluna quis desabafar e falava alto que iria trazer comida de casa porque a situação estava complicada e iria colocar nas Redes sociais o que estava acontecendo. A aluna gritava: “essa escola é complicada, até as lâmpadas o povo leva tudo, vou já levar uma para casa também”.

Em seguida, os alunos se direcionaram para o bloco de aula. Passando alguns minutos uma aluna pergunta para a diretora, a qual transitava pelo corredor: “o outro banheiro está aberto? aquele que está aberto está muito escuro”. Assim, a

diretora falou com a coordenadora sobre a chave do outro banheiro e a aluna se direcionou para ele.

Estávamos fotografando e fazendo anotações em um caderno, percebemos que isso causava incômodo na diretora que ficava andando pelos corredores e sempre olhava o que estávamos fazendo. Um funcionário da secretaria veio até nós, enquanto registrávamos a escuridão do lado da escola e o mato que estava muito alto. O funcionário disse que podíamos ficar a vontade, ele só estava vendo o que estávamos fazendo lá. Quem mais conversava conosco era a auxiliar de portaria, principalmente quando as alunas estavam todas na sala de aula e havia pouco movimento no corredor, pois nesse período estava sem merenda.



Figura 01. Escuridão e Mato alto, edição: Naiane Guedes.

A auxiliar da coordenação pedagógica havia nos relatado sobre a situação dos banheiros, uns eram trancados e outros abertos. Recebemos orientação para utilizar um que possuía chave, pois o mesmo estava em melhores condições de utilização e a iluminação estava adequada.

A auxiliar de portaria, em outro momento havia comentado, que um senhor era remunerado pela direção da escola, para ficar a noite e trazia consigo um cachorro para ajudar na segurança da escola por se tratar de um local precário em iluminação pública.

Eu perguntei para o senhor que se encontrava na portaria se era ele que fazia a segurança com o cachorro, ele me respondeu que não. Ele respondeu que estava

na escola prestando um serviço a comunidade como medida de cumprimento de sua pena.

1.2 CAMINHOS METODOLÓGICOS

Não queremos com esta pesquisa proclamar uma fórmula ideal de explicar o comportamento das pessoas sobre a vida na Educação de Jovens e Adultos, mas nos aproximar qualitativamente de suas percepções e desejos sobre como se organizam e negociam suas vidas de estudantes como mulheres. Desse modo fazemos uso de uma intenção etnográfica com a observação em campo, pois de acordo com Agier (2015) essa prática compreende-se à observação atenta do campo através das experiências pessoais, e por meio do relato do outro conseguir imaginar uma imagem do espaço da pesquisa. É a partir das pequenas práticas e detalhes que se começa a entender o espaço da pesquisa, um cuidado que requer trabalhar no campo como se fosse fazer uma colheita o que ele denomina de *savoir-faire*, que significa utilizar a experiência removendo as evidências, afofando a terra como um camponês e com o passar do tempo colher os frutos, que seria receber a confiança das pessoas que convivem no espaço.

“O que o etnólogo transmite caminha lentamente da observação à interpretação, da prática a teoria. Iniciação, lição, aprendizagem, exercícios: são palavras de um saber que nasce numa longa relação com as pessoas de seu campo” (AGIER, 2015, p.09).

Observando algumas mulheres em suas trajetórias escolares, tivemos a oportunidade de ouvir seus depoimentos narrativos durante as aulas de artes. Também conversávamos no final das aulas, antes da professora sair, essa foi a maneira que encontramos para produzir dados e entrar neste universo feminino, cheios de anseios e esperanças.

A presente pesquisa tem como objeto de estudo as alunas que frequentam as aulas nas seguintes turmas: Primeira Etapa A e B (que compreende desde o primeiro ano, até a metade do segundo ano do ensino médio regular) e a Segunda Etapa A (que compreende desde segundo ano, até o terceiro do ensino médio regular), da Escola Estadual Maria Neusa do Carmo de Sousa.

Ao nos depararmos com os fatos do cotidiano escolar, despertou-se o desejo de desenvolver uma pesquisa para conclusão de curso sobre a realidade da referida escola, pautada nas observações etnográficas e de caráter qualitativo. Uma

pesquisa etnográfica significa vivenciar o campo, por isso o tempo que o pesquisador passa em campo é maior, utiliza-se de várias técnicas, como o questionário de perguntas, mas não representa a base do trabalho.

“Ela não pode ser delegada aos aplicadores de questionários não pode resultar de questões previamente pensadas pelo pesquisador e postas nos questionários “para verificação”. Representa a experiência social sobre a qual o etnólogo se apoia para construir um saber original. Prático esse saber pode se dizer um saber-viver. (AGIER, 2015, p.11)”.

De acordo com Agier (2015), a antropologia anda de mãos dadas com a etnografia, não existe pesquisa isolada que gire em torno do eu, pois o conhecimento do outro é o que permite com que o etnógrafo faça suas pesquisas científicas. “Reciprocamente, não há antropologia sem etnografia, pois a descoberta do outro que funda o saber dos antropólogos só pode ser uma aventura pessoal, marcante e sempre renovada” (AGIER, 2015, p.11).

De acordo com Denzin e Lincoln:

Os pesquisadores qualitativos empregam a prosa etnográfica, as narrativas históricas, os relatos em primeira pessoa, as imagens congeladas, as histórias da vida, os “fatos” transformados em ficção e os materiais autobiográficos, entre outros (DENZIN, LINCOLN, 2006, p.25).

A pesquisa qualitativa em uma definição mais ampla localiza o observador para questões referentes ao mundo e a organização social e não privilegia nenhum método na coleta de dados. “A pesquisa qualitativa, como um conjunto de atividades interpretativas não privilegia nenhuma única prática metodológica em relação à outra” (DENZIN, LINCOLN, 2006, p.20).

A narrativa dos fatos e a descrição das situações que chegam ao pesquisador são um material de grande valor para a pesquisa qualitativa, pois é através dele que se busca analisar o mundo, diferentemente a pesquisa quantitativa que se preocupa com os cálculos para analisar determinado fator de pesquisa. “Os pesquisadores qualitativos utilizam os modelos matemáticos, as tabelas estáticas e os gráficos, e geralmente empregam uma prosa impessoal, em terceira pessoa, ao escreverem sobre sua pesquisa” (DENZIN, LINCOLN, 2006, p.25).

Uma autorização provisória de pesquisa no bolso, promessas de emprego futuro, e sobretudo de um programa de estudo com uma equipe de demógrafos sobre os migrantes e seu novo modo de vida urbano no bairro popular de Adjamé, em Adidjan. (AGIER, 2015, p.19)

Michel Agier (2015) relata como foi sua primeira saída ao campo que acabou não dando certo, seu estudo etnográfico é sobre como os estrangeiros se adaptam ao novo modo de vida urbano, nesse estudo para o bairro popular de adjamé, não deu certo por causa de sua formação recente, então ele se lançou em uma nova preparação de campo. Certamente ao fazer pesquisas em países que são diferentes da nossa cultura nativa o impacto maior é sentido logo de início, no entanto o simples fato de sairmos de casa e aprendermos com o outro, já estão experimentando novas formas de entender a nossa própria cultura que é diferente da que aprendemos em casa. “Não existe etnólogo sem uma partida, sem sair de casa e ir olhar o mundo, que começa bem perto, além do círculo privado, da casa, dos sentimentos familiares, amorosos, fraternais” (AGIER, 2015, p.19). A escola é esse campo com pessoas que falam a mesma língua, mas com constituições de subjetividades diferentes, que precisam de um consenso para não entrar em conflito. Lugar onde tenta-se ensinar os sujeitos a viver em sociedade e com as diferenças seja ela qual for: raça, identidades de classe, gênero, sexualidade e idade. Mas, por vezes acaba sendo um modelo frustrado e defasado “A escola seria, então uma máquina antiquada. Tanto seus componentes quanto seus modos de funcionamento já não entram facilmente em sintonia com os jovens do século XXI” (SIBILIA, 2010, p.13). Dentro da escola é comum encontrar alunos com celulares de alta tecnologia, isso sem levar em conta a gama de aparatos tecnológicos que eles vivenciam fora da escola. O problema não é a falta de atrativos tecnológicos responsáveis por tornarem a escola obsoleta, é claro que a tecnologia facilita nas aulas, mas a forma como a escola tenta uniformizar em um espaço cercado de subjetividades, e com pouco incentivo, pois às vezes o funcionamento acaba ocorrendo de forma precária é o que mais tem afetado as escolas.

Apropriamo-nos desses conceitos etnográficos e da pesquisa qualitativa e passamos duas semanas observando os corredores e o espaço físico escolar de forma geral, e percebemos a existência de problemas que incomodavam a comunidade escolar, mas que acabava sendo invisibilizados pela rotina, entre eles a escuridão, os furtos durante os feriados, bebedouro derramando água, e banheiros escuros. Posteriormente começou a falta de merenda, e esse problema se estendeu por aproximadamente três meses, e ao perguntar a alguns funcionários quando o problema da falta de merenda seria solucionado, ouvíamos como resposta que não

tinha previsão de retorno, e por esse motivo na maior parte do tempo a cozinha ficava fechada.



Figura 02. Cozinha e Bebedouro.

Essa imagem representa bem o grave problema da falta de recursos necessários para o funcionamento básico da escola, não cabe a essa monografia apontar culpados, mas expor a realidade. Um fato que ocorreu na escola e agravava ainda mais essa situação era o furto das lâmpadas nos feriados, sendo que esse recurso que foi utilizado para repor as lâmpadas, um das matérias indispensáveis para o funcionamento das salas no período noturno, poderia servir para outras necessidades mais urgentes. Essa realidade era parecida com de outras escolas que estavam entregues pelo estado, à mercê dos bandidos e do descaso, realidade constantemente noticiada na mídia local.

Esforçávamos para ouvir o que as alunas diziam em suas conversas durante o intervalo ou momentos intercalados entre uma aula e outra. Um dia sentadas no refeitório ouvimos duas alunas conversando e o assunto era aborto, sua conversa era sobre uma amiga que tinha feito aborto e como ela estava se recuperando. Analisando essa conversa percebemos que a pressão social sobre a mulher ainda é muito latente, pois para tomar uma decisão que diz respeito ao seu corpo, algumas questões são levadas em conta por elas.

“A maternidade é um momento e um estado. Muito além do nascimento, pois dura toda a vida da mulher. O mesmo acontece, embora em menor grau, com os filhos, que dela recebem a vida, o alimento, uma primeira socialização.” (PERROT, 2007,p.67)

Conversando com a auxiliar de portaria, perguntamos sobre as alunas que são mães e trazem seus filhos para a escola, ela respondeu o seguinte: “esse ano não tem tanto carrinho de bebê, ano passado era cheio, as alunas aqui vivem tendo filho”.

Em relação ao problema da falta de merenda, que prejudicava o funcionamento das aulas, pois sem a merenda as aulas passaram a ter duração de 30 minutos, sendo o normal 45 minutos, a professora de Artes dizia o seguinte: “é entrar em uma sala e ir para outra, o tempo ficou muito reduzido”. Então começamos a acompanhar a professora de artes durante as aulas e verificar além dos problemas que se apresentavam fora da sala de aula, e conhecer com maior proximidade as alunas que são mães e a rotina da sala de aula e como elas percebem os problemas ao redor.

1.3 A ESCOLA CAMPO

A Escola Estadual Maria Neusa do Carmo de Sousa está localizada na Rua Milton de Souza Correia, nº 500, Jardim Felicidade I, Macapá – AP atende alunos da rede pública de ensino nas modalidades: fundamental II, médio e Educação de Jovens e Adultos. Sua estrutura dispõe de 3 blocos de salas de aula, composta de 12 salas em cada bloco, totalizando 36 salas. A escola também dispõe de: uma sala de leitura, uma sala de professores, uma biblioteca com um razoável acervo literário, uma secretaria, uma coordenação pedagógica, uma sala de diretoria, um refeitório, uma cozinha, uma quadra de esportes coberta e cinco banheiros.

Em conversa com a professora de artes ela relatou que a escola possuía um projetor, o qual era um recurso utilizado por ela durante as aulas de arte, mas que “de repente sumiu da escola e ninguém falou nada sobre o assunto, e ficou no esquecimento”. Quando é preciso de recurso como o de áudio, os alunos utilizam o celular que, nem sempre, atende aos resultados esperados. A professora de arte relatou que preferia não levar o notebook por medo de assaltos. Também observamos, passando pelo corredor, que uma professora de outra disciplina estava

utilizando uma pequena caixa no formato de um carrinho, para poder usufruir de um recurso sonoro em sala. Em relação ao acesso as imagens “não podemos ignorar que as imagens estão presentes de maneira significativa em nossa cultura. Elas estão em toda a parte, transmitindo e produzindo (sendo produzidas) maneiras de olhar o mundo” (NUNES, 2010 p.166). Por esses aspectos é indispensável nas aulas de artes visuais o uso das imagens e para ter acesso a elas os alunos compravam um material de apoio que geralmente custava vinte centavos. No material comprado pelos alunos as imagens eram em preto e branco, pois colorido sairia muito mais caro e os alunos não possuem muitos recursos financeiros. Os livros didáticos, de acordo com professora de artes, alguns alunos não levam.

A escola não possui Projeto Político Pedagógico, pois de acordo com a coordenadora pedagógica não houve reuniões para a elaboração do mesmo, ficando pendente no ano de 2016, com previsão de elaboração somente para o ano de 2017. Os projetos desenvolvidos tinham uma iniciativa de alguns professores que se organizavam para fazer os eventos, como por exemplo, a festa de final de ano, que teve apresentação de dança e decoração que ficou sobre a responsabilidade da professora de artes.

CAPÍTULO II - RELAÇÕES DE GÊNERO E O CONTEXTO HISTÓRICO SOCIAL

2.1 A EDUCAÇÃO FEMININA NO BRASIL COLÔNIA

Nossa aproximação com o campo de pesquisa nos remete a pensar na educação feminina no Brasil e sobre a autonomia em expressar opiniões, ser admirada não apenas pela beleza, mais pelo “conteúdo”, essa dádiva que as mulheres no passado, não muito distante, não usufruíam, pois eram reprimidas e rotuladas. Isso não significa que elas não eram amadas, mas a proteção excessiva dos pais, e dos maridos a cercavam. “Durante muito tempo, as mulheres foram objeto de um relato histórico que as relegou ao silêncio e à invisibilidade. São invisíveis, pois sua atuação se passa quase que exclusivamente no ambiente privado da família e do lar”. (ÁVILA apud PERROT, 2007, p.249).

No Brasil colônia esse processo de invisibilidade não foi diferente, antes da chegada dos portugueses, os indígenas que são rotulados como “selvagens” exerciam uma organização laboral em que havia distinção de tarefas realizadas por homens e mulheres, no entanto, todos podiam participar de forma comunitária nas tribos e não havia desigualdade entre gêneros. A sociedade patriarcal europeia, chega em nossas terras, arraigadas de tradições e costumes que super valorizam o masculino em detrimento do feminino que era inferiorizado.

Com a chegada dos jesuítas, ocorreu à implementação do sistema educacional e religioso, o homem então tem acesso à leitura e a escrita, enquanto a mulher fica marginalizada no processo de ensino. “As mulheres logo ficaram exclusas do sistema escolar estabelecido na colônia. Podiam, quando muito, educar-se na catequese. Estavam destinadas ao lar: casamento e trabalhos domésticos, cantos e orações, controle de pais e maridos” (STAMATTO, 2002, p.02).

Os indígenas não acostumados com esse tipo de organização perceberam que tinha algo de errado.

Curiosamente, esta discriminação foi percebida pelos índios brasileiros, que a achando injusta, foram solicitar ao Pe. Manoel da Nóbrega a entrada também das suas filhas na escola de ler e escrever, fato que fez o jesuíta enviar uma carta à Rainha de Portugal solicitando a permissão necessária para o ensino das moças. (STAMATTO, 2002, p.02)

Mas, essa historia não terminou com o final feliz como nos contos de fadas, afinal “As portuguesas eram, na sua maioria, analfabetas. Mesmo as mulheres que viviam na Corte possuíam pouca leitura, destinada apenas ao livro de rezas” (RIBEIRO, 2000, p.81). De acordo com Arilda Ribeiro (2000), os índios viam suas mulheres como companheiras, e para eles a alfabetização feminina era algo bom, ao contrário dos portugueses que tratavam suas mulheres como objetos e tinham medo, que as mulheres sendo alfabetizadas ficassem mais “espertas” e menos submissas. “Por que então oferecer educação para mulheres ‘selvagens’, em uma colônia tão distante e que só existia para o lucro português?” (RIBEIRO, 2000, p.81).

2.2 A MULHER NAS ARTES

Existem poucos registros históricos com informações completas sobre as artistas mulheres, isso é resultado de uma sociedade que destinava à mulher os afazeres domésticos, e as afligiam com inúmeras restrições. A mulher era pouco vista nos espaços públicos e logo pouco se falava nelas, pois “elas atuam em família, confinadas em casa, ou no que serve de casa” (PERROT, 2007,p.16). Como foi mencionado no capítulo anterior, a escrita foi negada as mulheres, no ensino de artes plásticas o mesmo ocorreu.

“Escrever foi difícil. pintar, esculpir, compor música, criar arte foi ainda mais difícil. Isso por questões de princípio: a imagem e a música são formas de criação do mundo. Principalmente a música, linguagem dos deuses. As mulheres são impróprias para isso. Como poderiam participar dessa colocação em forma, dessa orquestração do universo? As mulheres podem apenas copiar, traduzir, interpretar”. (PERROT, 2007, p.98).

De acordo com Michele Perrot (2007), o silêncio das fontes que registram os fatos sobre as mulheres, não significa ausência de informações, e sim, o contraste de informações precisas e circunstanciais, combinadas ao fato de que, os grandes observadores das mulheres, em sua maioria eram homens que criavam suas crônicas baseadas em estereótipos e generalizam o jeito de ser das mulheres e os sentimentos. “O mesmo ocorre com as imagens produzidas pelos homens, elas nos dizem mais sobre os sonhos ou os medos dos artistas do que sobre as mulheres reais. As mulheres são imaginadas, representadas, em vez de serem descritas ou contadas” (PERROT, 2007, p.17).

Quando a mulher teve oportunidade de desenvolver suas habilidades artísticas, suas produções foram logo limitadas “as mulheres podem pintar para os seus, esboçar retratos das crianças, buquês de flores ou paisagens” (PERROT, 2008, p.98), O que foi ofertado às mulheres a princípio, tinha como finalidade uma iniciação privada da arte, destinada ao entretenimento, “mas essa iniciação não devia conduzir nem a uma profissão nem a criação. A mulher poderia apenas, em caso de necessidade, dar aulas de desenho ou de piano, fabricar objetos [...] ou copiar obras-primas nas galerias dos museus [...]” (PERROT, 2007, p.98).

As academias de belas artes passaram a aceitar mulheres tardiamente. Na França a Academia de Belas Artes abriu as portas em 1900, para as mulheres, sendo um espaço até então predominantemente masculino, a recepção não foi a das mais calorosas, as mulheres foram recebidas sob vaias pelos estudantes que estavam no local. Antes dessa conquista, para poder ter acesso a pintura as mulheres recebiam ajuda de familiares do meio artístico, como pais e irmãos e em alguns casos esse auxílio vinha de mentores ligados às artes plásticas ou de homens que eram artistas, com os quais elas possuíam algum tipo de relacionamento amoroso, e com o decorrer dos anos também passaram a frequentar escolas e academias particulares, sendo que, em Paris, a mais célebre foi a academia Jullian.

No Brasil o Liceu de Artes, fundado em 1856, foi criado com o objetivo de proporcionar o ensino de artes aos menos afortunados, ou seja, a camada menos favorecida da sociedade. No Liceu era ofertada formação técnico-profissional e artística. Em 1881 foi concedido às mulheres o direito de frequentarem as aulas, a partir da oferta de um curso feminino, que na época causou polêmica e sofreu severas críticas da sociedade, mas foi defendido pelos intelectuais, em campanha nos jornais, que justificaram a necessidade de estudo para a mulher e argumentaram que se a mulher trabalhava nas fábricas durante o dia podia também estudar à noite. A diretoria do Liceu como solução criou uma sala para que os responsáveis tivessem um lugar para aguardar o término das aulas e acompanhar as moças na volta para o lar. Posteriormente em 1892, foi permitido à mulher frequentar a Escola Nacional de Belas Artes, criada em 1816 com o nome Escola Real de Ciências, Artes e Ofícios.

Essas conquistas tornaram-se possíveis porque artistas no passado lutaram pelo seu lugar na sociedade, como exemplo Sofonisba Anguissola (Renascimento) e Artemisia Gentileschi (Barroco), que conseguiram mesmo com todas as restrições sociais, através do apoio da família, a oportunidade de estudar e pintar. Dificilmente se fala sobre artistas femininas no Renascimento, elas são ofuscadas devido ao “brilho” dos grandes mestres da história da arte.

Essas artistas desfrutavam de uma estabilidade financeira que as mulheres comuns de suas épocas não detinham, e mesmo com essas oportunidades, elas tiveram que se esforçar muito para serem reconhecidas. Essa visibilidade sobre elas só é possível nos dias de hoje devido a muitas pesquisas que foram realizadas no passado e continuam a ser realizadas.

Sofonisba Anguissola, artista italiana, que viveu no período do renascimento, e recebia aulas de artes com Bernardino Campi, pertencia a uma família que fazia parte da pequena aristocracia cremonense, mas que era uma família com formação suficiente para que o pai, Amílcar Anguissola e a mãe, Bianca Ponzoni, se preocupassem em oferecer aos filhos (seis mulheres e um homem) uma educação completa que passava pelas artes, ensino das letras e instrumentos musicais. Sofonisba e sua irmã Lucia se destacavam na pintura de autorretratos.

Como pintoras mulheres na segunda metade do século XVI, por mais que chegassem a se destacar em qualidade artística, elas tinham que se restringir a alguns gêneros específicos como: pintura religiosa (que Sofonisba chegou a realizar, mas cujas obras ainda não receberam nenhum estudo atento que permita consolidar a atribuição), naturezas mortas (das quais uma grande representante feminina um pouco posterior a Sofonisba é a pintora milanesa Fede Galizia) ou a pintura de retratos. (HAGRAVE, 2010,p.217)

Apesar de sua pintura representar o que se passava no seio familiar de seu lar, ela conseguiu se destacar, pois suas pinturas eram inovadoras e muito apreciadas, a ponto de seu pai receber uma carta do Duque de Sessa que era representante do rei Felipe II da Espanha, chamando Sofonisba para ser dama de companhia da futura rainha Isabel de Valois. Na corte espanhola Sofonisba realizou diversos retratos e foi tutora de pintura de Isabel de Valois. Mas, “dessa época, ao contrário da fase anterior, praticamente nenhuma obra é datada ou assinada, pois apesar de ter de fato pintado retratos de corte, Sofonisba não trabalhava oficialmente como pintora, e sim como dama de honra” (HAGRAVE, 2010, p.217).

Essas informações reafirmam que existiram artistas talentosas, como caso de Sofonisba. Mesmo depois de sair da corte espanhola Sofonisba, conseguiu manter boas relações com a nobreza através de troca de correspondências, a saída do lar e depois de muitos anos o retorno para sua terra natal, representa uma experiência nova para suas pinturas, pois ela aprendeu com os pintores que estavam na corte, e esse status de visibilidade da nobreza, fez com que ela fosse percebida, independentemente dessa visibilidade pouco tem se falado sobre ela, bem como sobre outras artistas nas escolas públicas durante as aulas de artes.

Artemisia Gentileschi (XVI e XVII), artista barroca que possuía um grande talento e habilidade na pintura. Sua história é de lutas e conquistas em um período em que a mulher não era considerada capaz de realizar trabalhos melhores que os homens, por conta de seu talento que começou desde muito cedo, ela recebeu incentivo de seu pai para pintar e conselhos para que não se sentisse limitada, suas obras revelam mulheres retratadas como heroínas e dignas de admiração. No entanto ela é lembrada pelo triste incidente de violência sexual que aconteceu em sua vida. “Há muitas formas de enunciar o feminino através da arte, e, inclusive, com diferenças entre as representações produzidas por mulheres, como vimos.” (LOPONTE, 2008, p.11). Não se trata de falar sobre verdades femininas, enunciar algumas mulheres que já morrem, mas analisar a forma como elas percebiam o mundo e expressavam através de suas obras.

Analisar e debater estas imagens não deve, no entanto, nos fazer acreditar que as mulheres artistas enfim desvelaram um “verdadeiro” olhar sobre as experiências femininas. Há tanta “verdade” nessas imagens como naquelas produzidas pelos homens ao longo do tempo, por mais que as continuemos questionando. (LOPONTE, 2008, p.11)

No entanto essas imagens têm como objetivo dizer “eu estou aqui”, e também “posso produzir a minha história”. A partir do momento que a mulher começa a criar, ela deixa de ser uma mera musa representada e passa a narrar sua própria experiência, angústias e alegrias. A arte contemporânea, atualmente abrange um vasto número de artistas femininas engajadas pelas causas femininas, produzindo obras que permitem que uma mulher veja o seu cotidiano através da arte e denuncie com veemência a violência, e mostra que esses fatos tristes têm que mudar, pois mulheres são fortes e corajosas e tem voz.

2.3 ABORDAGENS DE GÊNERO

Na atualidade, imagens sobre gênero circulam nas mídias de interação social e estão presentes na história da arte. O professor como mediador deve direcionar os alunos para os focos de maior problematização, as questões que geram preconceito e indiferença entre alunos. Entre os métodos que o professor pode utilizar nas aulas de artes, o melhor seria o da cultura visual

“a cultura visual é bastante inclusiva, pois incorpora as belas-artes juntamente com a extensa gama de imagens vernáculas e midiáticas, imagética eletrônica contemporânea e toda a história da imagética produzida e utilizada pelas culturas humanas” (DUNCUM, 2011, p.21)

Estas imagens contribuem para a formação de opiniões sobre gênero, elas são responsáveis pela constituição de nossas representações sobre o comportamento aceitável para o feminino e o masculino. Essas imagens “falam sobre como são (ou devem ser) os meninos e meninas. Formam um imaginário social sobre os comportamentos aceitáveis para cada gênero, instituindo falas e gestos para as mais diversificadas situações sociais” (NUNES, 2010, p. 165). A importância dos estudos de gênero deve-se ao fato de que os alunos aprendem fora do contexto escolar, e esses aprendizados invadem os muros da escola. De acordo com Nunes (2010), os artefatos visuais que os alunos levam para dentro da sala de aula representam suas percepções sobre as representações de gênero. A autora em questão tem seus estudos voltados para meninos e meninas, como as falas e gestos propõem um ideal de gênero, que são vivencias pelas crianças através dos desenhos, bonecas, materiais escolares entre outros artefatos.

As questões de gênero que envolvem alunos da EJA permeiam as responsabilidades com o lar, trabalho, filhos e violência doméstica. Quando as alunas se referiam a uma problemática, elas associavam a sua vida diária, como o café da manhã, em uma das aulas que presenciamos uma aluna dizia o seguinte “Pelo café da manhã é crise, eu vejo quase todos os dias no jornal, pais de família por não terem como alimentar seus filhos acabam entrando no mundo do crime, e a crise altera o comportamento dos indivíduos que passam de um bom cidadão para um infrator diante da lei”. Ou situações como o preparo de um arroz, uma aluna em um dia de prova perguntou para professora de artes o que seria o conhecimento empírico, a professora explicava, mesmo assim a aluna estava com dúvidas, então a

sua colega respondeu “conhecimento empírico é você fazer arroz na sua casa, você aprendeu com alguém e nunca mais esqueceu” a professora respondeu “muito bem é isso mesmo”. A tarefa de fazer arroz não pertence somente à mulher, mas por muito tempo “o lugar de mulher é na cozinha” prevaleceu, no entanto na conjuntura atual, mulheres são independentes, mães solteiras ou casadas que voltam para seus estudos à noite mesmo correndo riscos, levam seus filhos para a escola e anseiam por novas conquistas, tema esse que ainda tem muito a se desenvolver e ganhar espaço.

“Gênero é uma identidade fabricada, produzida ao longo da vida, por diversas pedagogias culturais, pois se aprende a viver como homem e como mulher” (NUNES, 2010, 168). A missão do professor não é influir em opção sexual e não percebemos essa intenção por aqueles que falam sobre esse tema como alguns pensam, o professor está cumprindo um princípio social, ensinar seus alunos a viver em sociedade, aprender a viver seja qual for sua escolha sexual. De acordo com Hernandez (2007) uma boa educação escolar é:

“Uma educação para indivíduos em transição que construam e participem de experiências de aprendizagem, pelas quais aprendam a resolver questões que possam dar sentido ao mundo em que vivem, de suas relações com os outros e consigo mesmo”. (HERNANDEZ, 2007, p.15)

A sociedade atual vive em constantes transições, bem como os indivíduos. É certo que algumas atitudes preconceituosas ainda não foram extintas da sociedade, basta ficar alguns minutos em frente à televisão, que mais um caso de violência sexual aparecerá ou de violência doméstica. Por isso é necessário o ensino de gênero nas escolas públicas.

Hoje, um docente, ou qualquer pessoa interessada pela educação, que queira compreender o que está acontecendo no mundo e, sobretudo, que procura interpretar e dar respostas ao que afeta a construção das subjetividades daqueles que vão à escola, não pode se limitar “a saber, a matéria” ou ter alguns conhecimentos de psicopedagogia. (HERNANDEZ, 2007, p. 35).

O desafiador é tratar questões da atualidade em um momento tão transitório das informações, é aproveitar os temas em foco e junto desses temas despertar posicionamentos críticos e desmistificar situações de conflitos e preconceitos. De acordo com Paul Duncum “os alunos aprendem a linguagem crítica da crítica e a

reproduzem com o intuito de serem aprovados nas disciplinas, mas nunca permite que ela influencie suas vidas” (DUNCUM, 2011, p.26), a palavra “nunca” é uma linguagem muito incapacitante, no entanto expressa a dificuldade que os alunos têm de associar a crítica sobre assuntos, pois seu objetivo maior é a obtenção de pontos, e um vasto material do cotidiano acaba sendo considerado incapaz de produzir conhecimentos críticos, sendo comum a exclusão, não levando em conta que:

“[...] as propagandas, as fotos dos jornais, a internet, a maneira de se vestir, as revistas, os enfeites de cabelos, as ilustrações de todo tipo estão carregadas de informações sobre o ambiente em que vivemos, portanto muito temos a problematizar.” (NUNES, 2010 p. 169).

De acordo com Duncum (2011), as aulas devem proporcionar diálogos abertos entre professores e alunos, pois em um diálogo as ideias circulam em busca de um consenso onde um aprende a respeitar a opinião do outro, em salas de aulas que a prática do debate é incentivada, os alunos sentem-se capazes de expressar suas ideias, respeitando os professores e colegas. “O objetivo de uma pedagogia dialógica que amalgama diversão e crítica não consiste em fornecer respostas definitivas, mas sim levantar questionamentos, revelar dilemas e dar continuidade a uma conversa” (DUNCUM, 2011, p.26).

Nas aulas que presenciamos a professora de artes da escola, elaborava trabalhos que tinham como objetivo estimular os alunos a falarem, e também os incentivava para uma participação mais ativa durante as aulas, temas que estão na mídia despertam no aluno o desejo de falar de algo que eles já ouviram, pois é mais seguro falar do que sabemos.

2.4 A IMPORTÂNCIA DE TEMAS TRANSVERSAIS E A CULTURA VISUAL

Buscamos dentro do currículo onde as questões de gênero estavam inseridas e encontramos dentro dos temas transversais que são

Amplos o bastante para traduzir preocupações da sociedade brasileira de hoje, os temas transversais correspondem a questões importantes, urgentes e presentes sob várias formas, na vida cotidiana. O desafio que se apresenta para as escolas é o de abrirem-se para este debate. (Parâmetros curriculares nacionais: apresentação dos temas transversais, ética, / Secretaria de Educação Fundamental. – Brasília: MEC/SEF, 1997.p.146) .

Durante as observações que realizamos nas aulas de artes, percebemos que os temas transversais se perdem na gama de assuntos que são obrigatórios, chegamos na escola no período em que estava sendo trabalhado o dia da consciência negra, que recebeu bastante destaque nas aulas. No entanto uma aula chamou muita a nossa atenção, pois tinha como temática o movimento hip-hop, posteriormente a professora passou uma atividade que tinha como objetivo voltar o olhar dos alunos para o seu cotidiano e perceber um tema que apresentasse ausência de paz, e trazer para dentro da sala de aula expondo suas ideias sobre o respectivo tema.

O resultado desse trabalho demonstrou a importância de abrir espaços para temas atuais em sala de aula. De acordo com Raimundo Martins (2010, p.57) “o propósito da educação da cultura visual não é substituir conceitos, abordagens curriculares ou práticas do ensino de artes, mas inserir e incorporar no fazer artístico a discussão do lugar/espço das imagens-qualquer imagem ou artefato artístico e seu potencial educativo na experiência humana”, no final da aula esperaram a professora de artes para falar sobre os trabalhos, neste momento observamos que ela olhava os cartazes com olhar de satisfação e dizia como estavam bonitos. Em suas aulas percebemos que ela abordava conceitos da teoria da cultura visual com seus alunos. Foi então que resolvemos pergunta-la sobre a importância das imagens e do cotidiano, ela respondeu que atualmente não tem como não trabalhar com imagem, pois elas fazem parte do cotidiano dos alunos, mas nem todos os dias as aulas são produtivas assim, às vezes o aluno não entende a proposta e existe uma matriz curricular a ser seguida. Capturamos as imagens da aula e as falas dos alunos.



Figura 03: Aluna na cadeira e o cartaz. Foto: Glenda Santiago

A aluna disse o seguinte sobre a proposta do trabalho que tinha como tema a miséria e a fome:

“- Nós colocamos algumas imagens de crianças em extrema miséria, por não ter o que comer acaba comendo terra, outras usando sandálias feitas de garrafas pet. Ai vendo tudo isso eu faço a seguinte pergunta será que isso é justo? Não né, a gente coloca alguém para nos representar e depois eles nos abandonam. E a fome para quem não tem emprego é muito dolorida. As vezes alguém bate na porta da nossa casa pedindo ajuda... até queremos ajudar, mas não tem nem pra gente. Então a fome, gente, é muito dolorida!”.

Paul Duncum afirma que “em nenhum outro momento da história da humanidade foi possível comunicar-se instantaneamente com outras partes do mundo mediante o apoio de imagens de alta resolução” (DUNCUM, 2011 p.17). A aluna buscou como referência uma imagem de uma criança africana comendo terra, sendo que o continente africano tem alguns países que são conhecidos pelos seus graves problemas socioeconômicos. No entanto, crianças pedindo comida e ajuda são comuns ao seu cotidiano, as quais ela não tem como ajudar. Um dos motivos de sua incapacidade é o desfavorável momento de crise política e econômica que o Brasil atravessa. Soma-se a isso, o descaso das autoridades que deveriam cuidar do povo como seu representante, mas que acabaram por abandonar o povo ao relento e fome.

O último grupo escolheu como tema: A realidade mundial. Cada aluna falou sobre um eixo temático, uma das alunas falou sobre a injustiça social, sua fala foi a seguinte:

- *Passamos por várias injustiças sociais, crianças as vezes trabalhando quando poderiam estar na escola. Eu vejo crianças vendendo bombom na rua para ajudar os pais em casa, e os pais também dão duro para sustentar seus filhos.*



Figura 04 : Cartaz do quarto grupo. Foto: Glenda Santiago.



Figura 05: Recorte do cartaz quarto grupo. edição: Glenda Santiago.

Quando as alunas falaram sobre intolerância religiosa aproveitaram para falar sobre o combate à violência feminina. Nesse momento elas gravaram um vídeo da apresentação que tinha como o objetivo maior dizer “Mulher denuncie e não fique calada”. Ao final da apresentação todos os colegas incentivaram com palmas.

CAPÍTULO III - PRÁTICA E VIVÊNCIA NA SALA DE AULA

No dia seis de Janeiro de dois mil e dezessete, na turma da segunda etapa da EJA, com o acompanhamento da professora de artes, tivemos a oportunidade de ministrar a primeira aula na escola, o tema desenvolvido na aula foi, “O feminino na arte”. Os alunos começaram a chegar por volta das dezoito e trinta, e às dezenove horas quase todos já estavam em sala. Ao iniciar a aula fizemos uma pergunta para os alunos: Qual artista na história da arte eles mais gostavam? Alguns alunos não compreenderam a pergunta, então nós repetimos e dissemos que o artista que mais gostávamos era Van Gogh, eles compreenderam a pergunta, e dois alunos responderam que gostavam de Picasso, um aluno respondeu que gostava da Anita Malfatti, e a maioria não quis emitir suas ideias, nos aproximamos de alguns alunos que disseram que não vinha nenhum na cabeça no momento, sendo que nas aulas anteriores realizadas pela professora da escola eles haviam falado sobre vários artistas. Começamos a explicar sobre o tema da aula, de que forma a mulher era representada no passado, com auxílio de imagens impressas em uma folha de papel A4, mostramos a primeira imagem, a Vênus de Willendorf do paleolítico superior, perguntamos se eles conheciam, a maioria respondeu que sim.



Figura 06: Vênus Willendorf, paleolítico superior, 1908, Museu de História Natural de Viena.

“Os estudos de gênero passam a refletir sobre os modos como o feminino e o masculino são representados, acreditando que isso determina a maneira de serem homem e mulher na sociedade” (NUNES, 2010, p. 167). Pensar em algo distante, mas com representações diferentes das que são constituídas na atualidade tem como objetivo que os alunos reflitam que esses padrões são históricos, mas que nem sempre foram os mesmos.

Em seguida mostramos a mudança da forma como a mulher é retratada no período grego com a imagem Afrodite de Cápua, Deusa do amor.

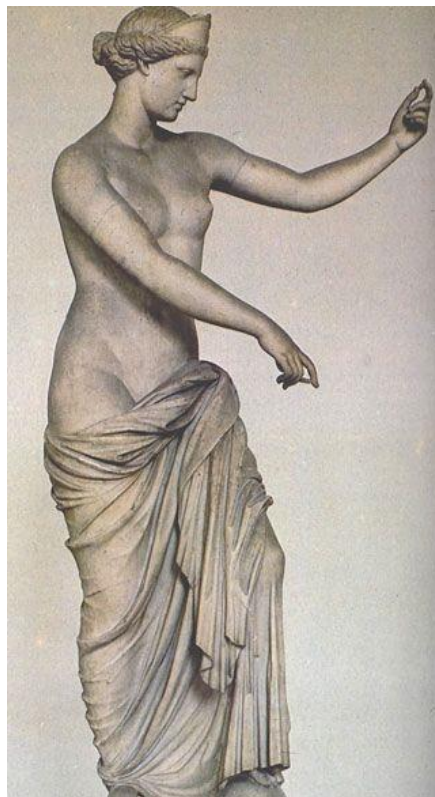


Figura 07: Afrodite de Cápua, IV a.c, de Lisipo.

Esse era o ideal de beleza da mulher grega. A imagem é de uma mulher mais magra com curvas sinuosas e que passou a ser o padrão de beleza buscado por muitos artistas entre eles o do renascimento. Existem outras maneiras de falar sobre beleza através da cultura popular, entre elas a utilizada por Herrmann (2006):

Contudo não é necessário um computador para estabelecer um intertexto a baixa tecnologia é igualmente possível. Herrmann (2006) utilizou barbante, fita adesiva e um giz grande para criar um giz grande para criar um intertexto pautado no programa de tv the swan, transmitido na época. Tratava-se de um reality show em que mulheres escolhidas por serem

“patinhos feios” submetiam-se a transformações que incluíam cirurgia plásticas, tratamento dentário e aconselhamento terapêutico, para, enfim, tornarem-se lindos cisnes.

É mais seguro ancora-se na história da arte, do que utilizar-se de técnicas como as utilizadas pelo professor Hermann, programas parecidos com o *The Swan*, nunca sai de moda, o simples fato de se vestir mal virar uma monstruosidade em programas parecidos com esse, depois de um “tratamento de beleza” a mulher sai renovada e contando seu depoimento, inspirando outras que estão assistindo o programa.

Terminando essa introdução mostramos a mulher de outra forma, deixando de ser um “objeto” de representação e passividade, passando a ser produtora de suas narrativas visuais e experiências como exemplo falamos sobre a artista Artemisia Gentileschi e perguntamos se eles conheciam essa artista, somente um aluno respondeu e disse que já tinha ouvido falar, mas não lembrava mais. Exibimos a obra da artista intitulada: *Susana e os anciões*, apontando para as dificuldades da mulher artista em desenvolver a pintura, pois elas não podiam criar, somente copiar dos artistas já reconhecidos, e como o pai de Artemisia incentivou sua filha para realizar trabalhos que artistas masculinos realizavam ela ficou conhecida como uma das mais importantes caravaggistas entre 1610 e 1620, a visibilidade sobre o artista Caravaggio, contribuiu para o conhecimento que se tem sobre a artista nos dias de hoje. O que chama mais atenção na obra *Susana e os anciões* é a forma como a personagem feminina se retrai, aparentemente como um sinal de repulsa ao que está sendo dito para ela, hoje isso é conhecido como assédio sexual.

Nas versões do tema feitos pelo artista Tintoretto (1518-1594) a mulher olha para o suposto espectador, ou se olha no espelho enquanto é espionada (Berger, 1999, p.54). A sua atitude é passiva, de espera, de quase resignação, ela é um corpo nu prestes a ser dominado. Na versão da artista Artemisia Gentileschi, no entanto, Susana está no centro da composição, aterrorizada diante do olhar dos anciões, revelando não a cumplicidade de um corpo passivo ou provocativo, mas a iminência do que hoje chamamos de assédio sexual.(LOPONTE, 2008, p.157)

Fomos um pouco mais a frente e falamos sobre Frida Kahlo, artista mexicana, muito admirada por feministas, que utilizam sua imagem em camisas voltadas para a igualdade de gênero, a obra exibida foi o *Hospital Henry Ford*, um momento de fragilidade da artista em ela se encontra em uma cama, em volta de um lençol

ensanguentado, momento de sua vida em que ela perde seu filho em um aborto espontâneo. Uma mulher encolhida em uma cama grande, com uma lágrima nos olhos, cercada de elementos simbólicos como o caracol, que representa a dor que ela estava sentindo, forte e lenta.



Figura 08: Hospital Henry Ford, 1932, Frida Kahlo.

Toda essa trajetória foi narrada para demonstra como as artistas mulheres começaram a ganhar espaço na sociedade e a serem reconhecidas. Perguntamos para uma aluna se ela já tinha ouvido falar em Frida Kahlo? Ela ficou calada e só balançou a cabeça dizendo que não, a professora tentou ajudar e falou que era a artista mexicana, mas a aluna continuou calada, então disse que tinha um filme muito legal sobre ela e já havia sido exibido na mídia, você já assistiu? Como não havia interação paramos de fazer perguntas para aos alunos. Nosso objetivo maior era introduzir o assunto e depois dar ênfase nos trabalhos de artistas da arte contemporânea. Para falar sobre arte contemporânea utilizamos uma tela em branco, mostrando a utilidade desse suporte na antiguidade, e pedimos para os alunos imaginarem a partir do século XX, o momento em que esse suporte vai deixando de ser o principal meio de divulgação dos trabalhos artísticos, a partir desse momento a nova “tela” passou a ser o corpo do artista. Essa nova maneira de pensar a artes, trouxe liberdade artística e alternância de materiais, uma arte que tenta se aproximar das pessoas comuns da sociedade, para que elas questionem e criem pontes com suas vidas. Quando começamos a falar sobre Marina Abramovic, uma aluna que chamarei na pesquisa de Carla, disse que já tinha ouvido falar sobre ela e sobre a performance *Rhythm 0*.

Carla: É aquela artista que deixa as pessoas fazerem com ela o que querem?

Nós: Sim é ela, você pode continuar falando e compartilhar com a turma, o que você aprendeu sobre a artista e a obra que foi realizada?

Carla: Eu estudei esse assunto em outra escola, mas não sei toda a historia só sei essa parte, que ela deixa as pessoas fazerem o que quiserem com ela.

Nós: E a outra parte da historia, será que a artista morreu?

Carla: É sério?

Nós: Vamos aprender mais sobre a *Performance* e sobre ela.

Pedimos para os alunos abrirem o livro didático na página que tinha como título: *Liberdade e agressividade*. O capítulo iniciava mostrando uma instalação sobre a performance realizada por Marina Abramovic denominado *Rhythm 0*. Uma aluna chamada Ana disse “Deus me livre, vou bem deixar alguém fazer tudo o que quiser comigo mesmo”. Somente quatro alunos estavam com o livro, solicitei para eles fazerem duplas e os que não estavam com o livro receberam como tarefa procurar no livro quando chegassem a casa. Na mesa da professora, na qual ela havia cedido para nós, colocamos um pano branco e levamos alguns objetos: como perfume, rosa de plástico, uvas, maçã, garrafa com água, copo, creme de pele, batom e esmalte, esses objetos poderiam ser utilizados por alunas ou alunos. Pedimos para alguém nos ajudar a colocá-los, somente um rapaz chamado Marcos levantou, ele perguntou como poderia ajudar, pedimos para ele colocar junto conosco os objetos na mesa, quando ele terminou de colocar ele olhou para uma colega e disse que ela gostava dessas coisas que estavam na mesa. Nesse momento pedimos para eles imaginarem esses objetos que estavam na mesa em sua residência, lá vocês podem ter uma cômoda com seus pertences e na cozinha também tem alguns objetos cortantes, mas vocês usam para fazer comida. Em *Rhythm 0*, a artista dispôs 72 objetos na mesa que poderiam agradar ou destruir, tais como facas, chicotes, tesouras, pena, mel, uma rosa, um revólver e uma única bala, entre outros. Em cima da mesa tinha um informe, que no período de seis horas ela estaria à disposição do público e eles poderiam utilizar esses objetos da forma que desejassem em seu corpo e que ela se responsabilizava por tudo o que ocorresse durante o trabalho. Narramos a Performance e mostramos imagens que

estavam no livro e outras que não estavam, sobre o que havia acontecido na performance.



Figura 09: Marina Abramovic, 1974 , Rhythm 0.



Figura 10: Marina Abramovic, 1974 , Rhythm 0.

Nas instituições de ensino, a educação visual tem sido trabalhada como estratégias para instituir, homogeneizar e, as vezes, restringir o modo de ver dos alunos, estabelecendo uma visão normativa sobre arte e imagem. Em oposição a esta pratica, o proposito da compreensão critica não é “destruir o prazer que os estudantes manifestam, mas explorá-lo para encontrar novas e diferentes formas de desfrute”, oferecendo-lhes possibilidades para fazer outras interpretações e produções de imagens e artefatos (MARTINS apud HERNANDEZ, 2007, p.71)

Fizemos uma pergunta que estava no livro: Se os objetos ofereciam tanto a possibilidade de proporcionar prazer quanto de infligir dor, por que você acha que a maior parte das pessoas escolheu a segunda opção?

Thais: “Eu acredito que as pessoas estão cada vez mais cruéis, tudo é motivo de agressão no mundo de hoje, falta respeito e amor, às vezes só pelo fato da mulher sair com uma roupa curta já é motivo de violência”.

Carla: “Isso mostra que quando damos liberdade, alguém pode entender de forma errada, tem gente que sente prazer em ver o sofrimento dos outros”.

Pedimos para os alunos ficar livre para ir à mesa pegar algum objeto, nenhum aluno levantou, então explicamos que a tela em branco que havíamos mostrado no início representava o corpo do artista que o público poderia simplesmente olhar, assim como eles fizeram com os objetos que estavam na mesa ou como o público faz quando vai a uma exposição. Outra oportunidade que o público teria era interagir sem violência ou com violência, como o exemplo da casa que existem diversos tipos de objetos e a maioria prefere usar para o cuidado do corpo, e os que estão na cozinha para a utilidade doméstica. Eram pessoas comuns que estavam no local onde ocorreu a performance, a artista ao fazer essa proposta sabia os riscos que estava correndo por esse motivo se responsabilizou por tudo que poderia acontecer. Pedimos para eles lerem o que Marina Abramovic aprendeu com a performance/ instalação:

“O que eu aprendi foi que, se você deixa isso para o público, eles podem mata-lo [...] Eu me senti realmente violada: eles rasgaram as minhas roupas, espetaram espinhos de rosa em meu estomago, uma pessoa apontou a arma para minha cabeça, e outra levou-a embora. Isso criou uma atmosfera agressiva. Depois de exatamente seis horas, conforme o planejado, eu me levantei e comecei a andar em direção à plateia. Todo mundo fugiu, para escapar de um confronto real” (ABRAMOVIC, 2002).

Por último falamos sobre a artista paraense Berna Reale⁵, tentando fazer conexões com a realidade brasileira e do norte sobre a violência, tema bastante abordado nos trabalhos da artista, mostramos a imagem da performance intitulada: *Quando todos se calam*.

⁵ Portfólio Berna Reale.



Figura 11: Berna Reale, Quando todos se calam (2009).

A violência tem sido nos últimos anos, o seu grande foco de atenção. Reale é perita criminal do Centro de Perícias Científicas do Estado do Pará e vive de perto as mais diversas questões de delito e conflitos sociais. Suas performances são pensadas com o objetivo de criar um ruído provocador de reflexão. Quando estava falando sobre Berna um aluno disse o seguinte:

Aluno: Meu pai também é perito aqui em Macapá, ele conta em casa que vê muitos corpos, onde ele trabalha parece um açougue, e muitos casos de morte cruel.

Ao final da aula a professora pediu para passarmos a atividade que havíamos elaborado para os alunos, e ela nos deu uma dica, para colocarmos no quadro o nome das artistas que havíamos mostrado na aula, porque os alunos dariam como desculpa que não sabiam e não lembravam mais e por esse motivo não realizariam a atividade, fizemos conforme ela orientou, nossa intenção era colar as imagens na parede para eles ficarem a semana refletindo sobre o assunto, mas a professora pediu para não colocar, pois os outros professores ou a coordenação poderiam pensar coisas erradas, ela entendia, mas outros poderiam não entender. A professora nos permitiu recolher as atividades. Fomos buscar as atividades no dia em que a professora marcou com a turma para a entrega, mas somente quatro alunos entregaram no dia correto e tivemos a oportunidade de levar para casa e analisar com calma. Os que entregaram depois do prazo, a professora nos entregou para corrigir em sala, nesse mesmo dia ela somou como nota final e fez o encerramento da disciplina referente ao ano letivo de 2016.

3.1- Propostas Avaliativas e Resultados

A proposta avaliativa teve caráter diagnóstico e exploratório. Pedimos para os alunos escolherem uma imagem das que foram mostradas em sala, e que eles respondessem a seguinte pergunta: Como eu relaciono essa imagem ao meu cotidiano? A pergunta poderia ser respondida em forma de texto narrativo ou de forma objetiva. Eles estavam livres para escolher e usar a criatividade. Levamos algumas dicas e exemplos de materiais que poderiam ser utilizados por eles na construção do texto, tais como: fotografias; desenhos e recortes de revista. O primeiro trabalho que analisamos é da aluna que chamaremos na pesquisa de Ana. Ela diz o seguinte: “De acordo com o que vemos na figura percebemos que Marina Abramovic tinha dúvidas sobre a capacidade de imaginação e frialdade, em relação às outras pessoas e decidiu tirar suas próprias dúvidas e responder suas perguntas colocando uma plateia com pessoas de classe e diferentes modos, porém escolheu instrumentos prazerosos e outros com capacidade para amar, sentir e da prazer ou ferir e sentir prazer com a maldade e crueldade. Hoje em dia não é diferente porque mesmo não deixando fazer tudo isso vem uma pessoa e faz só por prazer ou crueldade e diversão isso é uma pura realidade casos assim a gente vê todo dia em jornais etc.”

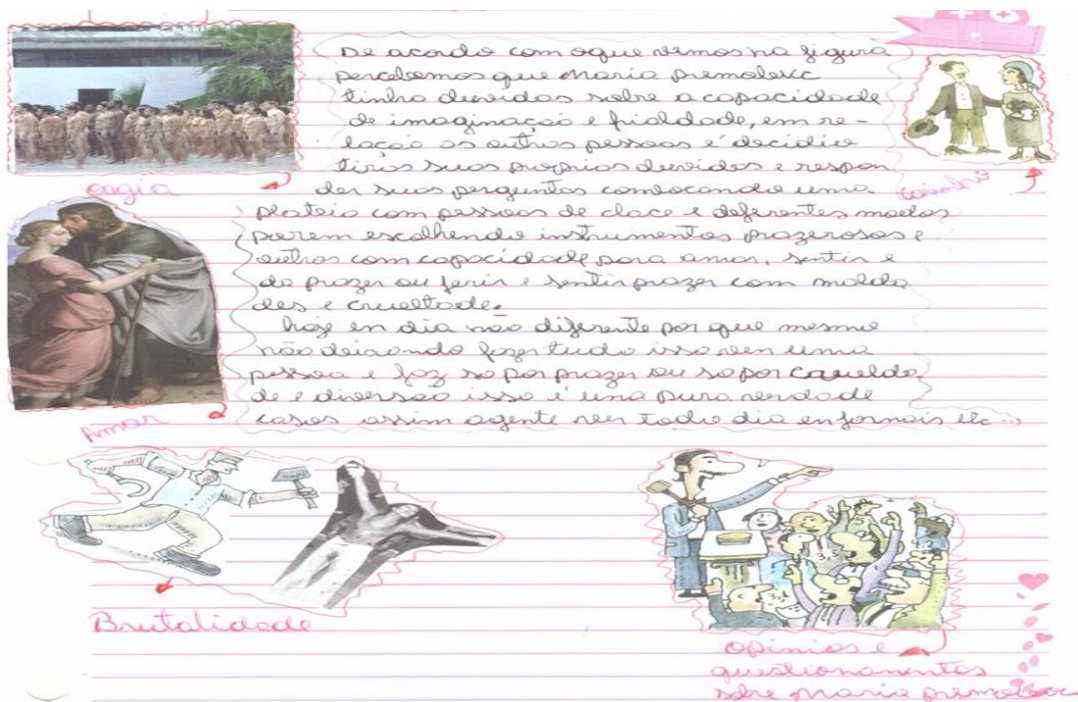


Figura 12: atividade da aluna Ana, edição: Glenda Santiago

“As imagens que os estudantes trazem para a sala de aula ilustram e promovem, com certa precisão, os gostos, os desejos e os comportamentos aceitos para cada gênero”. (Nunes, 2010, p.169).

A narrativa visual que a Ana fez nos chamou muita atenção, além das imagens, ela colocou legendas para exemplificar a sua escrita, mas também representam sua opinião e questionamento. Ao olhar para essas imagens também vemos referências ao cotidiano e as relações de gênero.

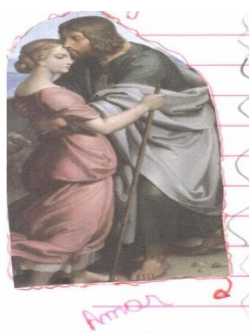


Figura 13: recorte da atividade realizada pela aluna Ana, edição: Glenda Santiago.

O amor entre o homem e uma mulher, a imagem mostra uma mulher com uma vassoura na mão, supostamente estava em um dia de trabalho e seu amado chega e a beija na testa como um gesto de amor. “Os sentimentos de docilidade, de amizade e de ternura são moldados como algo inerente ao feminino.” (NUNES, 2010, p.173), se a cada vez mais pensarmos em sentimentos mútuos, essas características também se aplicam ao masculino.



Figura 14: Recorte da atividade realizada pela aluna Ana, edição: Glenda Santiago.

Na imagem carinho percebemos uma referência aos tempos antigos, em que os homens tiravam o chapéu diante de uma dama em sinal de respeito e saudação.

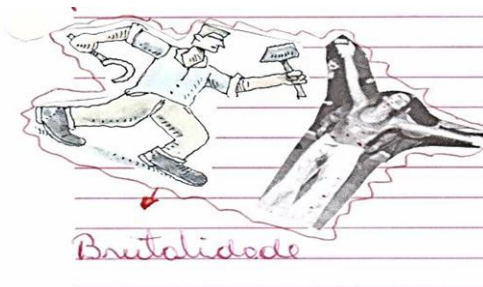


Figura 15: Recorte da atividade realizada pela aluna Ana, edição: Glenda Santiago.

“Hoje em dia não é diferente porque mesmo não deixando fazer tudo isso vem uma pessoa e faz só por prazer ou crueldade e diversão isso é uma pura realidade casos assim a gente vê todo dia em jornais etc.” (recorte do texto de Ana). A imagem mostra uma mulher de braços abertos, parece render-se, e olha para cima sem perceber que um homem com um martelo e uma foice está indo ao seu encontro. “os estudantes experimentam muitas atividades mediadas pela TV, filmes, internet, vídeos games, revistas e propagandas publicitárias” (NUNES, 2010, p.167).

No momento da aula quando perguntamos para os alunos se eles já tinham visto alguma cena em seu cotidiano que tinha relação com as imagens que estávamos mostrando, alguns disseram que não. Essa vivência com as imagens não representa só o que vivemos em casa, ao que somos acostumados a chamar de cotidiano, mas às diversas formas de acesso que temos para alcança-las, como no caso da Ana, respondeu que não no momento da aula, mas depois ela relacionou a performance com a realidade que ela vê nos jornais.

Ao refletir sobre a imagem do homem com o martelo e a mulher de braços abertos, acreditamos que se houvesse uma troca de papéis e a mulher estivesse com os instrumentos que estão na mão do homem, indo ao seu encontro teria o mesmo efeito do que se está intitulado por brutalidade. Ao fazer a análise do trabalho da aluna em questão, pedimos para que ela pensasse nessa troca de papéis e enfatizamos que a violência seria a mesma, a diferença está na recorrência em casos que envolvem mulheres e a divulgação é maior devido a essa repetição constante.

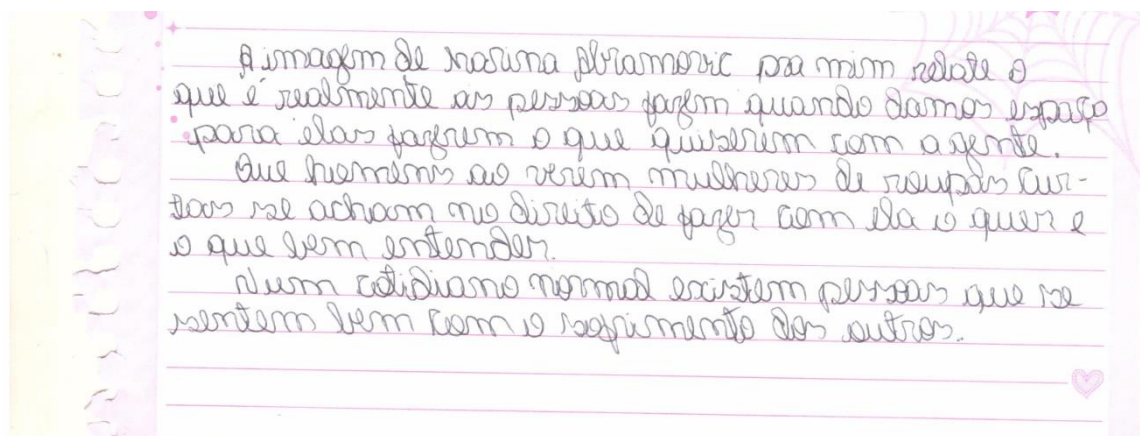


Figura 16: atividade realizada pela aluna Thais, edição: Glenda Santiago

Na hora da entrega, a aluna disse que não teve muito tempo para realizar o trabalho por isso escreveu o que ela já havia dito em sala.

A aluna Carla criou um texto narrativo com personagens e fez um desenho com três personagens com uma placa na mão. A imagem escolhida por ela foi à da artista Marina Abramovic.

“A imagem de Marina Abramovic em que ela aparece com os seios para fora e um homem não se aguenta e começa a acaricia-la.

O mundo está violento ou as pessoas estão livremente desrespeitosas?

Narrador: Um homem sentindo-se livre em uma performance de Marina Abramovic ao vê a artista com os seios de fora começou a “chupa-la”

João: credo que cara nojento! Como ele consegue fazer isso?

Rodolfo: Mano, as pessoas estão se sentido livres, a Marina que os deixou a vontade.

João: Concordo, mas todo ser humano tem que ter um pouco de respeito

Rodolfo: Hoje o mundo não tem mais essas coisinhas

João: por isso que o mundo está tão violento, homens abusando de mulheres, tudo se baseia nessa sua forma de pensar !

Rodolfo: se você acha, então me responde? Como você associa essa cena ao seu cotidiano?

João: essa imagem se associa ao meu cotidiano pelo simples fato das pessoas agirem de forma desrespeitosa. As pessoas adquirem uma liberdade desproporcional em relação aos outros.

Rodolfo: Você está certo, me desculpa?”.

“Alunos são aprendizes ativos e constroem significados individuais por meio da experiência, mas alguns significados comuns são construídos, [...], por meio da experiência coletiva da mídia” (Freedman, 2005, p.141). No diálogo que a aluna propõe existe uma atitude positiva, um homem influencia o outro a ter atitudes mais humanas, ao levar a imagem para sala, não percebemos o real sentido que ela tomaria, mesmo falando para os alunos que as imagens seriam fortes, o que percebíamos no olhar da artista era uma lágrima que não vinha e uma ausência de reação ao assédio que ela estava sofrendo, ao ver as placas da aluna, com as seguintes frases: *Stop*, *Help* e *No!*

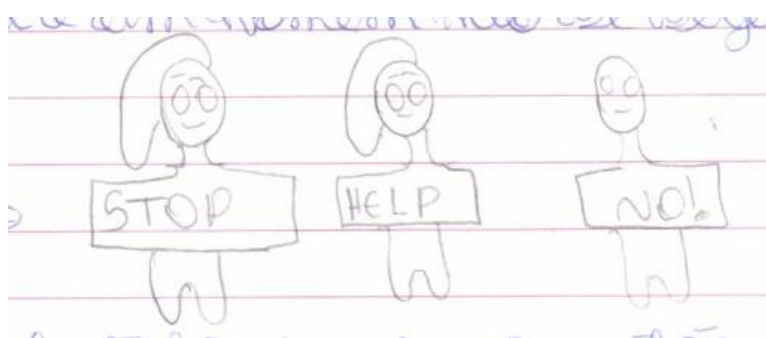


Figura 17: recorte da atividade realizada pela aluna Carla. edição: Glenda Santiago.

Entendemos as placas como forma de protesto ou pedidos de ajuda que ela também pode ter percebido na imagem.

O aluno Marcos, disse o seguinte:

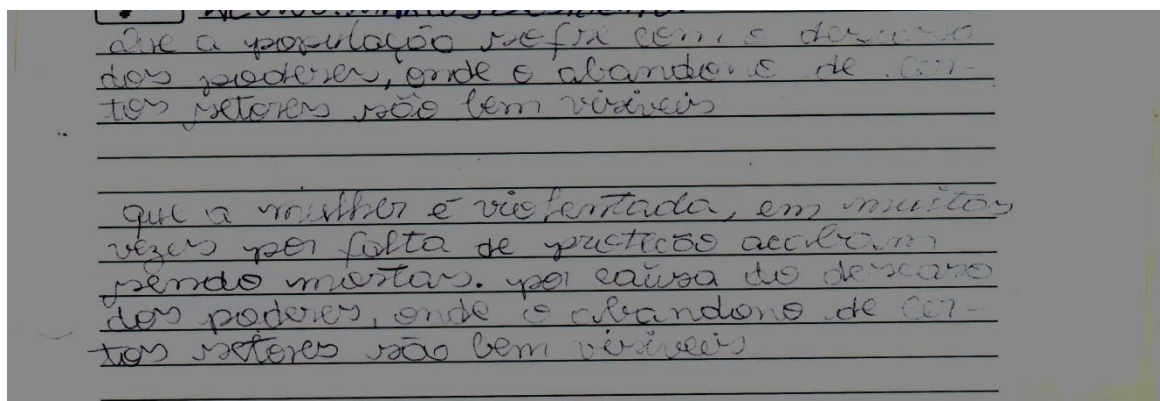


Figura 18: atividade realizada pelo aluno Marcos, edição: Glenda Santiago.

Ao encerrar todo esse processo de aula e finalização do ano letivo, a professora conversou conosco, e disse que ela permitiu que nós avaliássemos os alunos, devido à resistência que eles têm a novos professores, que no momento da aula, as alunas ficavam conversando entre si e elas não gostaram da troca, mas que isso era normal, e que nós deveríamos ter mais pulso para que os alunos participassem, porque isso prejudicou eles entenderem o conceito de instalação, que estava como proposta no plano de aula o aluno ir até a mesa e sentir-se livre para interagir com os objetos, isso só ocorreu ao final da aula quando vocês deram o esmalte e a aluna começou a pintar a unha dentro da sala, talvez sem entender o sentido desse ato, que durante a aula poderia ser mais explorado.

Buscamos entender mais sobre como as alunas organizavam suas vidas para estarem na escola, conversávamos com elas ao final da aula e também fizemos um questionário aberto, com uma aluna chamada Manuele, 19 anos. As perguntas foram as seguintes:

1) Você já deixou a escola em algum momento de sua vida?

Resposta: Sim, não por uma escolha mais por problemas.

2) Como você faz para conciliar sua vida pessoal com a vida estudantil?

Resposta: Na verdade faço os dois, trabalho e estudo minha vida é corrida acordo as 04:45 da manhã para ir trabalhar e ficar escutando passageiro reclamar.

3) O que lhe motiva a permanecer na escola?

Resposta: Meu futuro e dar uma vida melhor pro meus irmãos e meu pai.

4) O que você pretende fazer após concluir o Ensino Médio?

Resposta: Continuar trabalhando e entrar em uma faculdade e ser uma futura dentista.

5) Qual sua opinião sobre as mães que trazem seus filhos para a escola?

Resposta: Não concordo, mas não tem com quem ficar acho.

Logo no início da pesquisa, presenciamos um diálogo entre a professora de artes e uma aluna, que tinha como temática a evasão escolar. Ao final da prova a aluna diz que muitos alunos desistiram no período das férias e no início do ano.

“Professora: verdade tem aluno que vem no início do ano somente para pegar declaração para tirar carteira de passe escolar [...]

Aluna: “Isso é falta de persistência professora, porque quem quer luta, tenta mudar de vida, mesmo cansado vem para aula, é cômodo ficar em casa na frente da televisão assistindo novela. Eu fui me matricular no curso técnico de enfermagem e não conseguir porque ainda não tinha concluído o ensino médio, as coisas estão difíceis para quem quer estudar, quem tem força de vontade tem que lutar.”

Na permanência em campo, acabámos por ouvir o que estamos buscando, que eram os anseios de uma vida melhor que as alunas buscavam através dos estudos. No entanto a pesquisa nos levou para sala de aula, e lá vivenciamos os assuntos que eram repassados no ensino de artes, e percebemos que por mais numerosas que as mulheres fossem com suas histórias de vida cativante, ainda tem se falava pouco sobre elas nas aulas de artes e nos livros didáticos. A intenção desse trabalho não é privilegiar o gênero feminino, mas incentivar para espaços de diálogos na sala de aula e análises sobre as imagens que os alunos trazem para a sala, pois acreditamos que elas têm muito a ensinar.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Durante o período que permanecemos no ambiente escolar, percebemos que a escola é uma instituição que os alunos depositam seus sonhos e enfrentam as dificuldades para conseguir alcançá-los, é certo que alguns vão ficando pelo meio do caminho por motivos diversos. Conforme ressalta Paula Sibilía (2010)

“[...] Muitas escolas deixaram de agir como aparelhos disciplinares, dedicados a produzir um tipo peculiar de corpos e modos de ser, para se tornarem uma espécie de empresa cujo fim consiste em prestar um serviço com diversos graus de sucesso e eficácia entre os muitos outros oferecidos no mercado contemporâneo”. (SIBILIA,2010,p.93)

Se referir a escola como uma empresa, não significa que ela tenha deixado de ser responsabilidade do estado e que deixou de existir uma lei universal, o que a autora se refere é aos rigores escolares que no passado massificavam os alunos com regras no intuito de torna-los uniformizados no pensamento e nas vestes. O novo panorama que a escola vem vivenciando pode ser muito mais cruel do que foi imposto no passado, pois “agora se impõe a impressão vertiginosa de que cada um deve lutar por sua própria carreira num contexto hostil e mutante” (SIBILIA, 2010, p.94).

Na educação de jovens e adultos, existe alunos de diferentes idades, com convicção do que querem para si, em contrapartida, um reduzido número de alunos ainda estavam preocupados somente em passar de ano. A pesquisa de campo juntamente com a participação ativa da professora, permitiu um aprendizado sobre as experiências e as práticas em sala de aula e compartilhamos das alegrias e tristeza do dia-a-dia da docência, tínhamos o anseio de tentar ajudar a professora e em certos momentos só observamos. Em um dos debates mediados pela professora, ela perguntou o que os alunos entendiam sobre o trecho da música *Falsa Abolição* do Tarja Preta, que diz o seguinte “na escola nunca ouvi falar de Dandara” um aluno chamado Renato disse que “ o governo não está interessado que o povo aprenda a questionar eles que estão no poder, por isso alguns assuntos são deixados de lado, porque eles entendem que não é importante”. No processo de elaboração curricular alguns assuntos são inclusos e outros ficam de fora “seleção e opção, inclusão e exclusão são ações simultâneas no processo de elaboração de currículos e programas de ensino” (TOURINHO, 2008, p.71).

Ao falar sobre gênero na escola juntamente com a arte contemporânea, percebemos que ainda existe muita resistência por parte dos alunos, e receio por parte da professora em trabalhar esse assunto devido a essa resistência. As imagens que levamos para a sala de aula se tornaram intensas e tiveram pouca aceitabilidade. Posteriormente, com os trabalhos que os alunos entregaram, constata-se que a partir das imagens que eles trouxeram, poderiam surgir outras aulas com problematizações sobre gênero, corpo e padrões de beleza.

A partir disso concluímos a importância da educação de gênero. A escola deve incentivar para que essas temáticas sejam abordadas de amplas maneiras, seja em cartazes, palestras e nas aulas. Mesmo diante de tantas conquistas que nós, mulheres, conseguimos alcançar, ainda existe uma triste realidade de atitudes preconceituosas e violência que permeiam a sociedade e adentram a escola. De certa forma compreendemos que essas atitudes partem de pessoas não tiveram a oportunidade de ouvir e participar sobre questões que envolvem gênero de forma educativa e cidadã.

Quando o silêncio ecoa na instituição mais apropriada para se aprender sobre gênero, outras fontes podem ensinar, há um mundo fora da escola cheio de imagens, vídeos e monitores, variedades que podem influenciar o comportamento e as escolhas dos estudantes.

“Nas salas de aula, as imagens ganham relevância de trabalho pedagógico no momento em que percebemos suas influências para com as crianças. Essas não só vivenciam uma nova cultura visual como também interagem e corporificam os discursos por ela produzida e transmitida. (NUNES, 2010, p.118)

Fala-se sobre crianças, mas as influências das imagens também estão no meio adulto, as imagens sobre gênero circulam nas mídias e podem ter um caráter educativo, mas também podem surgir através de inúmeras piadas, violência verbal e preconceito, que se camuflam no meio da sociedade e podem gravar ainda mais a violência contra a mulher. Elas são levadas para dentro da sala de aula. Com isso, a escola pode apropriar-se delas a favor da sociedade por meio de debates que os alunos possam interagir de uma maneira educativa.

A partir da nossa experiência na escola, nos momentos de observações conseguimos compreender que as mulheres são vítimas das desigualdades que permanecem em nosso meio há muito tempo, porém elas também estão sempre em

busca de igualdade de gênero, das mesmas oportunidades, de crescimento, por mais que isso se torne difícil para algumas elas vêm lutando com muita dificuldade para não ficarem esquecidas no lugar chamado cozinha. E isso é o que as tornam mulheres corajosas e fortes, pois lutam por um lugar que é para todos. O processo de pesquisa se tornou possível devido nos apropriarmos dos métodos aprendidos durante nosso processo de formação em Artes Visuais, juntamente com a cultura visual e a narrativa de imagens.

REFERÊNCIAS

AGIER, Michel. **Encontros Etnográficos: interação, contexto, comparação** (pp. 8-28). “Eis aí o Homem”, “O espaço”. Alagoas: UNESP, 2015.

ÁVILA, R. C. . Michelle Perrot. **Minha história das mulheres**. História Social (UNICAMP) , v. 16, p. 249-253, 2009.

DEZIN, Norman K. ; LINCOIN, Yvonna S. **O planejamento da pesquisa qualitativa: teorias e abordagens**. Porto Alegre: Artmed, 2006.

DUNCUM, Paul. **Por que a Arte-Educação Precisa Mudar e o que podemos fazer**. Educação da cultura visual e contextos. Raimundo e Irene Tourinho (orgs), Santa Maria, Ed. Da UFSM, 2011.

FREEDMAM, Kerry. **Currículo dentro e fora da escola: representações da arte na cultura visual**. In. BARBOSA. Ana Mae. Arte/educação contemporânea: consonâncias internacionais: São Paulo. Cortez, 2005.

HARGRAVE, I. **Sofonisba Anguissola (1532/38-1625): Uma pintora no Renascimento Espanhol**. Campinas, SP: Unicamp, 2010.

HERNÁNDEZ, Fernando. **Catadores de Cultura Visual: proposta para uma nova narrativa educacional**. Porto Alegre. mediações , 2007

LOPONTE, Luciana Gruppelli. **Pedagogias visuais do feminino: arte, imagens e docência**. Currículo sem Fronteiras, v. 8, p. 148-164, 2008.

MARTINS, Raimundo; Tourinho, Irene. **Circunstancias e ingerências da Cultura Visual**. Educação da cultura visual e contextos. Raimundo e Irene Tourinho (orgs), Santa Maria, Ed. Da UFSM, 2011.

NUNES, Luciana Borre. **A cultura Visual Nas Tramas Escolares: A produção da Feminilidade nas Salas de Aula. Cultura visual e infância: Quando as imagens invadem a escola.** Raimundo Martins e Irene Tourinho (orgs). Santa Maria, ed. UFJM, 2010. p.165-185.

PERROT, Michelle. **Minha História das Mulheres.** Trad. Ângela M.S. Côrrea São Paulo: Contexto, 2007.

RIBEIRO, Arilda Inês Miranda. **Mulheres Educadas na Colônia.** IN: LOPES, Eliane, M.T; Faria F°, Luciano M. e VEIGA, Cynthia G. (orgs). 500 anos de educação no Brasil. Belo Horizonte.

ROLNIK, Suely. **Cartografia Sentimental: transformações contemporâneas do desejo.** São Paulo: Estação Liberdade, 1989. Pp. 66-83.

STAMATTO, M. I. S. **Um olhar na história: a mulher na escola (Brasil: 1549-1910).** In: História e Memória da Educação Brasileira, 2002, Natal. II Congresso Brasileiro de História da Educação. Natal: p. 294-295.

SIBILIA, Paula. **Redes ou paredes: a escola em tempos de dispersão.** Trad. Vera Ribeiro. Rio de Janeiro. Contraponto, 2012.

TOURINHO, Irene. **Ouvindo escolhas de alunos: nas aulas de artes eu quero aprender.** In: MARTINS, Raimundo (org.) Visualidade e Educação. Goiânia: FUNAPE, 2008.